



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**“A tragédia que emocionou o mundo”: a repercussão do caso Edith Cavell
no Brasil (1915-1942)**

Fernanda Victória Góes Marques

SÃO CRISTOVÃO – SE

2024

Fernanda Victória Góes Marques

**“A tragédia que emocionou o mundo”: a repercussão do caso Edith Cavell
no Brasil (1915-1942)**

Artigo científico produzido como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História ofertado pelo Centro de Educação e Ciências Humanas e pelo Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe.

Orientação: Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

Co-Orientação: Prof.^a Dr.^a Andreza Santos Cruz Maynard.

SÃO CRISTOVÃO-SE

2024

RESUMO

Edith Louisa Cavell (1865-1915) foi uma enfermeira inglesa condenada à morte durante a Primeira Guerra Mundial sob a acusação de traição e, inicialmente, espionagem após ajudar prisioneiros de guerra a fugirem, além de prestar assistência para feridos de ambos os lados e civis. O caso teve repercussão no mundo inteiro através dos jornais e da rádio, onde era chamada de enfermeira mártir e heroína, inclusive no Brasil. Assim, durante a pesquisa, realizei um levantamento de fontes em jornais publicados entre 1915 e 1942 que houvesse menções não apenas do caso como também do filme biográfico lançado em 1939. As obras “Edith Cavell: nurse, martyr, heroine”, “Nos, dos e por meio de periódicos” e “O que é história cultural?” auxiliaram na realização de análise documental, que permitiu identificar o uso da imagem de Edith Cavell não só na Primeira Guerra Mundial como também na Segunda Guerra Mundial.

Palavra-Chave: Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial; História e Cinema; Edith Cavell; Jornais;

ABSTRACT

Edith Louisa Cavell (1865-1915) was an English nurse sentenced to death during World War I on charges of treason and, initially, espionage after aiding prisoners of war to escape, as well as providing assistance to wounded individuals from both sides and civilians. The case gained worldwide attention through newspapers and radio, where she was referred to as a martyr nurse and heroine, including in Brazil. Therefore, during the research, I conducted a survey of sources in newspapers published between 1915 and 1942 that mentioned not only the case but also the biographical film released in 1939. The works "Edith Cavell: nurse, martyr, heroine", "Nos, dos e por meio de periódicos", and "O que é História Cultural?" assisted in the conduct of document analysis, which allowed for the identification of the use of Edith Cavell's image not only in World War I but also in World War II.

Keywords: World War I; World War II; History and Cinema; Edith Cavell; Newspapers.

1. INTRODUÇÃO

A primeira metade do século XX foi marcada por dois conflitos que abalaram o mundo. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve seu estopim quando o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro da Áustria-Hungria, foi assassinado em 28 de julho de 1914, gerando assim o enfrentamento entre os Aliados (Reino Unido, França e Rússia) e os Impérios Centrais (Alemanha e Áustria-Hungria). A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) teve seu início com a crescente ameaça fascista na Europa, ideologias que ganharam força na Itália, liderada por Benito Mussolini (1883-1945), e na Alemanha, liderada por Adolf Hitler (1889-1945). Durante esse período, muitos mártires e figuras importantes surgiram e hoje são um símbolo de seu tempo, e um deles foi uma mulher.

A frase que dá título ao trabalho foi retirada do título de uma manchete datada de 25 de janeiro de 1935. A notícia em questão se tratava de um dossiê sobre a morte de uma enfermeira britânica de 49 anos que trabalhava em um hospital em Bruxelas, assumido pela Cruz Vermelha após o início da Primeira Guerra. Edith Cavell (1865-1915), como consta no jornal, foi acusada de traição por ajudar prisioneiros de guerra do lado aliado a fugirem do país, que foi ocupado pela Alemanha.

Cavell passa 10 semanas em uma prisão até ser julgada e culpada após inúmeras audiências e depoimentos, recebeu como pena o fuzilamento, executado em 12 de outubro de 1915. Essa data representa não só o dia da morte, mas também o nascimento de uma mártir, um símbolo da luta contra a injustiça e um símbolo de solidariedade, causando comoção não só em países da Europa como também na América, em especial no Brasil, mesmo que a enfermeira britânica nunca tenha cruzado o Atlântico. O objetivo deste trabalho é, além de resgatar uma história que foi tão divulgada na primeira metade do século XX no país, entender como os jornais brasileiros apresentaram o caso ao público e como a sua imagem como mártir e heroína de guerra reforçada pela imprensa e pelo cinema.

A descoberta sobre a figura de Cavell foi durante o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação (PIBIC) enquanto realizava a pesquisa sobre cinema antinazista durante a Segunda Guerra Mundial. Em seguida, decidi apresentá-lo como Pré-Projeto de TCC para a disciplina de Metodologia da Pesquisa Histórica na Universidade Federal de Sergipe. Nesse momento, a pergunta que mais se repetiu foi: “quem é Edith Cavell?”. Desde então, passei a pesquisar ainda mais no que dizia respeito à enfermeira.

A princípio, no que se refere ao recorte temporal, busquei em periódicos brasileiros a exemplo do *Correio Paulistano* (1854-1963), que fez inúmeras reportagens sobre o assunto, e o *Diário de Pernambuco* (1825-), com reportagens sobre o caso e uma carta escrita por um ex oficial alemão, e nas revistas *Fon Fon* (1907-1958), *Selecta* (1914-1930), *Cinearte* (1926-1942) e *A Scena Muda* (1921-1955) com publicação e circulação no Rio de Janeiro, com o acesso feito através da Hemeroteca Digital fornecida pela Biblioteca Nacional Digital, manchetes ou notas que falassem sobre o caso Edith Cavell e os seus desdobramentos até o final da década de 1930.

Nos três primeiros anos da década de 1940, com o mundo já sentindo os efeitos da Segunda Guerra Mundial, a busca passou a ser sobre o filme biográfico lançado em 1939 e sua produção, observando não só os cinemas em que foi exibido como também se houve alguma crítica publicada. Além disso, procurei fazer uso de artigos estrangeiros sobre o caso e informações publicadas em jornais locais ou de língua inglesa como forma de ampliar as informações já obtidas.

Passando então para o conteúdo bibliográfico, temos a obra publicada em 2011 intitulada *Edith Cavell: nurse, martyr, heroine*, da escritora inglesa Diana Souhami (1940-). Se utilizando de uma extensa documentação que envolve não só jornais e revistas como também os próprios documentos da família Cavell, Souhami narra os detalhes da vida de Edith que vão desde o seu nascimento em uma pequena cidade da Inglaterra até a sua morte em um país estrangeiro, contando também a repercussão do caso na Europa e seu uso como propaganda de guerra.

Em *Words as Weapons: Propaganda in Britain and Germany during the First World War* da historiadora e jornalista germano-americana Alice Goldfarb Marquis (1930-2009), são feitos levantamentos dos meios de propagandas utilizados pelos dois países a fim de se beneficiar e ganhar vantagem no conflito, além de espalhar ou suprimir informações.

Em um dos capítulos inseridos na obra *O que é história cultural?*, o historiador britânico Peter Burke (1937-) traz os conceitos e os tópicos que englobam a História Cultural e os seus feitos em cada categoria, onde se observa esses movimentos após a Escola de Annales e a revolução historiográfica nos anos 1970, além do cuidado de preservar a história.

Tania Regina De Luca (1957-) em *Nos, dos por meio de periódicos* reflete sobre o uso das fontes impressas no trabalho do historiador, onde não se limita apenas a documentos oficiais como também a jornais, revistas e panfletos, visto que todo esse material foi lançado com o objetivo de manter as pessoas informadas, mesmo que por muitas vezes essa informação não

chegue completa até nós. Por isso, é necessária uma total atenção ao que está escrito para só então associá-la ao fato em questão.

O teórico e historiador de cinema estadunidense David Bordwell (1947-2024) trouxe em *O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos* as normas narrativas adotadas por Hollywood no período conhecido como a “Era de Ouro” do cinema. Apesar de parecer algo simples, as narrativas possuem a função de transmitir ou construir algo dentro da cena além de dar um sentido realista a ela.

E por fim, o filme biográfico de 1939 intitulado *A Enfermeira Edith Cavell*, dirigido pelo produtor e diretor britânico Herbert Wilcox (1890-1977), onde serão analisados o formato narrativo do filme e a imagem que Cavell, interpretada por Anna Neagle (1904-1986), transmite nas telas.

2. A ENFERMEIRA EDITH CAVELL

Edith Louisa Cavell nasceu no dia 04 de dezembro de 1865, faltando três semanas para o Natal, na cidade de Swardeston, região de Norfolk, Inglaterra. Era filha de Frederick Cavell (1824-1910), reverendo, e Louisa Warming (1835-1918), sendo a mais velha de quatro filhos. Segundo a obra *Edith Cavell: nurse, martyr, heroine* da escritora inglesa Diana Souhami (1940-), que servirá como base para esta primeira parte do artigo, o nascimento de Edith foi realizado na residência da família, visto que o hospital apresentava um risco maior de infecção e poderia gerar a morte tanto da mãe como do bebê. Tese apresentada e comprovada pela enfermeira Florence Nightingale (1820-1910), que revolucionou os conceitos de enfermagem que até hoje são colocadas em prática.

Tanto a mãe quanto o bebê não tiveram complicações, mas apesar de ser motivo de graças e comemoração, o pai de Edith se mostrou desapontado por seu primeiro filho não ser um homem, visto que apenas os homens poderiam levar tanto o nome como os negócios da família adiante.-Apesar de terem uma mulher como monarca, ela era vista como “a exceção” da primogenitura, visto que o seu cargo teria vindo através de um desígnio divino, já que as mulheres apenas poderiam ser “esposas, viúvas, mães, servas ou enfermeiras”, onde a autora se utiliza da frase “a daughter must find a husband”¹ como forma de delimitar como as mulheres ainda eram vistas no final do século XIX.

¹ “Uma filha precisa encontrar um marido”, em tradução livre

Voltando então para a questão principal, Cavell cresceu cercada pelos seus pôneis e pela religião devido a posição do seu pai na cidade, sempre descrevendo sua infância como uma fase de frescor e beleza. Descobriu seu interesse por pinturas e desenhos através de um tio e sempre carregava consigo seu *sketchbook* e tintas de aquarela. Passou por três instituições de ensino interno entre 1882 e 1884, uma em Kensington cujo nome não é citado pela autora, a *Belgrave House* em Clevedon, hoje *Belgrave School* e a *Laurel Court School* em Perterbough. Essas instituições eram definidas como “sem conforto ou diversão” e aceitavam apenas garotas, tendo também uma ligação consolidada pela igreja. Além de aulas de francês e de música, as garotas deveriam saber como se portar e se preparar para o casamento ou, caso não casassem, se tornarem governantas. Edith opta pela segunda opção e em 1887, pouco tempo depois de concluir seus estudos, vai trabalhar para a família Powell cujo patriarca, que também era reverendo, tinha comportamentos bastante semelhantes aos do seu pai.

Edith deixa o cargo no ano seguinte por ter sido um “verdadeiro teste de paciência”, mas vai para Bruxelas, na Bélgica para trabalhar também como governanta na casa da Família François onde ficou por cinco anos, se comunicando com os seus contratantes em francês e com os filhos do casal em inglês como uma forma deles aprenderem o idioma. Cavell manteve o pensamento anterior em relação a “paciência” e escreve em uma carta direcionada a um primo que o trabalho como governanta seria temporário devido a sua natureza *dead-end job*, ou seja, um trabalho que não oferecia crescimento profissional, se mantendo naquela mesma monotonia de cuidar das crianças e da casa. Ela ainda ressalta que “[...] algum dia, de alguma forma, eu irei fazer algo útil. Eu ainda não sei o que será. Eu apenas sei que vou fazer algo pelas pessoas. Alguns são, de certa forma, tão necessitados, tão machucados e tão infelizes...” (Cavell citada por Souhami, 2011, posição 354).

Desde muito antes de escrever a carta – ela tinha 25 anos quando a escreveu – Cavell tinha a certeza de que queria trabalhar em algo que envolvesse contato com as pessoas e as fizesse sentissem melhores, mesmo que as opções de trabalho para as mulheres no século XIX ainda fossem escassas. Seu principal desejo era cuidar e servir a sociedade de uma forma que também a satisfizesse, afirmando que sentiria mais prazer em cuidar dos “infelizes” do que ser uma *quasi-mother* para crianças privilegiadas, vindas de uma família burguesa.

Na primavera de 1895, entre abril e junho, Edith deixa a casa dos François e volta para a Inglaterra para cuidar do pai que estava doente. A futura enfermeira usou essa volta para pensar em sua vida profissional, e foi ao descobrir que suas irmãs estavam estudando para serem enfermeiras que considerou atuar nessa profissão por ter pegado gosto durante a experiência de cuidar do pai e logo se juntaria a elas para estudar.

No mesmo ano, em dezembro, Edith se tornou assistente de enfermeira *Class II*² no Hospital de Londres, e após 6 meses ela é promovida a *Class I*, algo que, segundo Souhami, precisaria de pelo menos dois anos de estudo para que pudesse passar de nível. Em agosto de 1897, a Inglaterra começa a enfrentar uma epidemia de febre tifóide que resultaria em 1.847 casos e 132 mortes. Em dezembro, quando a doença foi controlada, Edith e outras 165 enfermeiras receberam uma medalha de prata entregue pelo prefeito de Londres por seus serviços. Motivada a crescer ainda mais profissionalmente, passou a procurar um cargo de enfermeira chefe (*Matron*) em hospitais da Inglaterra, mas até então não havia conseguido nada fixo. Em maio de 1907, estava substituindo a enfermeira chefe de um hospital em Manchester quando recebeu a proposta para trabalhar como enfermeira chefe em uma escola de treinamento de enfermeiras que seria aberta em outubro, em Bruxelas.

A princípio, Cavell hesitou, sentiu que estava voltando aos seus tempos de governança. No entanto, havia se tornado uma enfermeira, e decidiu se apoiar em todo o seu conhecimento e experiência para aceitar o cargo. Já em Bruxelas, onde chegou com altas expectativas, continuou mantendo contato com sua antiga *matron*, a senhora Eva Lückes (1854-1919), e se inspirou nela para adquirir sua própria forma de guiar e ensinar suas alunas após a abertura oficial, em 1º de outubro. Em 28 de junho de 1914, o arquiduque austro-húngaro Francisco Ferdinando é morto a tiros junto com sua esposa enquanto passava de carro aberto por Sarajevo. Nos meses seguintes, a vida de Edith e das suas alunas mudaria completamente.

Em agosto, as tropas alemãs invadiram a Bélgica, fazendo a Inglaterra declarar guerra ao país e os belgas resistiram à invasão e enfrentaram os alemães, que revidaram com mortes e saques. Edith havia acabado de voltar de viagem depois de visitar sua mãe na sua cidade Natal e decidiu mandar suas enfermeiras estrangeiras de volta para casa, mas algumas optaram por ficar, mesmo com os riscos que correriam enquanto a guerra não acabasse. Logo a sua escola de enfermeiras se tornou um hospital improvisado para acolher os feridos sob o comando da Cruz Vermelha. Cavell não fazia distinção entre um lado ou outro da guerra, atendia e cuidava de todos da forma que podia, fossem combatentes de guerra ou civis.

Um desses pacientes que passou pelo hospital se chamava Georges Gaston Quien, um francês que se queixava de um machucado no pé e precisava chegar à Holanda, local de destino das pessoas ajudadas por Cavell. Dois dias depois, uma das enfermeiras notou a presença de três homens estranhos na rua oposta ao do hospital e um oficial alemão bateu na porta do estabelecimento à procura de um quarto para seu filho que estava doente pouco tempo depois.

² Termo usado nas escolas de enfermagem para definir o nível das enfermeiras

Quien entregou Cavell aos alemães depois de confirmar as suspeitas e em 5 de agosto de 1915 ela é presa sob a acusação de traição e espionagem.

Edith Cavell foi transferida para a prisão de St. Gilles em 7 de agosto tendo seu primeiro interrogatório no dia seguinte, onde os oficiais presentes no tribunal consideraram que ela tinha um comportamento “indiferente” em relação ao que era perguntado. Após 10 semanas de confinamento, no dia 8 de outubro, Edith foi condenada à morte devido a sua “confissão”, onde se alega que o tradutor, que ouvia as declarações de Cavell em francês e as traduzia para o alemão, alterou suas falas para que parecesse realmente culpada. Apesar dos apelos para que poupassem sua vida devido a sua profissão, os alemães não mudaram de ideia, trazendo o reverendo inglês Stirling Gahan para realizar suas últimas preces, sendo um dos seus poucos contatos na prisão.

Durante uma de suas conversas, ela afirmou que não sentia medo, pois já havia visto morte tantas vezes que já não era mais estranha ou assustadora. Em 12 de outubro, Cavell foi levada a um campo de tiro onde seria fuzilada por um esquadrão alemão. Momentos antes, ela proferiu em francês a frase que virou seu símbolo: “Minha consciência está tranquila. Estou morrendo pela minha pátria” (Souhami, 2011, posição 4368). Gahan, que acompanhou a enfermeira até o local de execução, disse ainda na prisão que todos lembrariam dela como uma mártir e heroína, e ela replica dizendo: “Não pense em mim dessa forma. Pense em mim apenas como uma enfermeira que tentou cumprir o seu destino” (Souhami, 2011, posição 4320).

Edith virou notícia nas capas de jornais britânicos como *The Times*, *Daily Mail*, *Express*, *Evening Post*, *Chronicle* e *Eastern Daily Press*, também sendo destaque nas emissoras de rádio onde logo se iniciou uma propaganda patriótica (Hodgson, 2017). Militares também usaram a imagem da enfermeira em seus recrutamentos, alegando que precisavam se vingar dos alemães. O *The New York Times* dos Estados Unidos expressou o desejo de que os inimigos da Alemanha triunfassem na guerra devido a trágica morte da enfermeira.

3. MISS CAVELL E O BRASIL

Edith Cavell se tornou um símbolo de luta e de inspiração que viria a ser usada como propaganda de Guerra nos dois grandes conflitos mundiais. Segundo Andreza Maynard (2021), um dos principais meios de contato com o mundo na primeira metade do século XX era através dos jornais e das transmissões de rádio, e foi justamente através dos jornais impressos que os brasileiros tiveram acesso a história da chamada enfermeira mártir.

Citada por periódicos e revistas brasileiras como Miss Cavell, o equivalente a senhorita em português, a sua história da “enfermeira martyr” ganhou destaque, principalmente, entre os anos de 1915 a 1935. O primeiro veículo que citou o caso de forma detalhada foi a edição de número 29 da revista *Selecta* publicada em 15 de dezembro de 1915 no Rio de Janeiro, que deu detalhes da vida de Cavell e os antecedentes de sua morte, deixando claro a culpabilidade alemã. Outra manchete que comentou sobre o caso foi publicada no *Pacotilha* do Maranhão, citando o fato dela ter sido acusada de “espionagem”, ato que causou “grande indignação” segundo L. Macedo, autor do texto.

Fora esses dois exemplos, os demais jornais publicaram uma nota curta, fazendo o mesmo quando um monumento em sua homenagem foi erguido ao fim da guerra, além das cerimônias religiosas realizadas em espaços públicos e hospitais, não se limitando apenas à capital inglesa. Na edição de junho de 1919, o *The American Journal of Nursing*³ informou que o corpo de Edith foi retirado de Bruxelas e seguiu em um cortejo para receber as devidas homenagens. Florence Cavell e Liliam Wainwright, irmãs de Edith, acompanharam todo o trajeto até a Abadia de Westminster, seguindo até o distrito de Norwich onde seria enterrada a pedido da família.

Na década de 1920, notícias sobre a enfermeira continuaram sendo publicadas de forma breve, sem deixar de lado a exaltação do heroísmo na figura de Cavell, a exemplo do *Jornal do Recife* que publicou que os soberanos ingleses depositaram flores no monumento em sua homenagem localizado em Londres em maio de 1922⁴. Já no *A Manhã*, do Rio de Janeiro, aparece o anúncio de um programa que a declara como “A maior mártir da Grande Guerra”⁵. Em 1928, o primeiro filme sobre a vida de Edith Cavell foi lançado. *Dawn*, traduzido no Brasil como *Enfermeira Martyr*, é descrito como um filme documental dirigido por Herbert Wilcox (1890-1977). Trata-se de um filme mudo que, segundo consta na revista *Cinearte* publicada no Rio de Janeiro, tinha como principal objetivo contar a história fiel dos acontecimentos que levaram a enfermeira à morte. Ainda, segundo o artigo, o filme teria “causado barulho” na Europa e envolveu “intervenções diplomáticas”.

Na década seguinte, em 1931 e 1935, o caso ganha um tom mais dramático e investigativo nas manchetes e artigos devido a relatos políticos envolvendo sua morte e o acesso a documentos envolvendo arquivos oficiais e cartas escritas pela própria enfermeira. Na edição

³ Apesar de não ser brasileiro, ele corrobora com que foi dito pelos jornais brasileiros, mostrando também a repercussão internacional do caso

⁴ Jornal de Recife. Nº 109. Recife, 13 de maio de 1922.

⁵ Programma V. R. Castro. A Manhã. Nº 892. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1928.

de número 00010 publicada em 14 de janeiro de 1931, o *Diário de Pernambuco* teve acesso a uma carta que teria sido escrita pelo barão Oskar von der Lancken-Wakenitz (1867-1939), que durante a Primeira Guerra Mundial foi chefe do Departamento Político da Alemanha, relatando as suas impressões sobre a morte de Cavell.

O barão iniciou a carta relatando sua tristeza em relação ao fim da guerra devido a derrota sofrida pela Alemanha, dando destaque para “a mulher acusada de alta traição, cuja sentença foi a morte”, se referindo a Cavell. Ele também relata o conflito entre os ingleses e os alemães e que, segundo a opinião inglesa, “cada alemão era inimigo de cada inglês”. Ele mais de uma vez julga a enfermeira inglesa como culpada, relatando que o inimigo estava escondido embaixo de suas fileiras e que a sua morte teria sido uma “consequência natural”.

Mas apesar de considerá-la culpada, levando em conta sua confissão, o barão revela certa preocupação com a forma em que a pena foi executada:

No entanto, considero a execução da sentença da morte de Miss Cavell como um grande erro político, porque forneceu excelente material para a campanha de atrocidades que a Inglaterra fazia contra a Alemanha através do mundo inteiro. Eu que, como funcionário civil, tivera de tratar do caso, fui considerado o “homem que matara Miss Cavell. (Lancken-Wakenitz em carta. DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 14 de janeiro de 1931, p.3).

A fala do barão tem como foco o ciclo de informações que circulavam em forma de propaganda de guerra com o objetivo de informar a população sobre a guerra e sobre seus inimigos, mesmo que a maioria delas fosse censurada e reprimida (MARQUIS, 1978, p. 478). Seguindo a análise de sua declaração, o fato dele ser considerado o homem que matou Edith Cavell é justamente pelo cargo que ocupava durante o conflito. Porém, alguns parágrafos à frente, ele afirma que conhecia pouco o caso e só veio saber da sentença quando viu dois formulários vindos dos Estados Unidos questionando se a prisão de Cavell era verdade e, caso fosse, gostaria de oferecer um advogado para defendê-la das acusações. Alguns parágrafos acima, ele cita que a única razão pela qual o país norte-americano ingressou na guerra foi para “castigar aqueles que tinham matado Miss Cavell”, impulsionado pelas propagandas inglesas, apesar do país só ter se juntado aos aliados quase dois anos depois, em 1917.

Dando continuidade, o barão relata que entrou em contato com o presidente da corte marcial, o general Von Suaberz-weig, para que a sentença fosse anulada, mas ele nega prontamente o pedido afirmando que a opinião dele era decisiva, com isso o barão teria que “suportar a responsabilidade desse caso”. Pouco antes de finalizar a carta, ele afirma que será difícil tirar “a lenda” em torno dele ser o assassino de Edith Cavell, visto que lendas são mais poderosas do que a verdade e ele seria para sempre conhecido dessa forma.

Apesar de questionamento quanto a veracidade da carta, o relato em si é verdadeiro e foi registrado por Souhami nos capítulos finais do livro onde, de fato, o barão recebe com surpresa a sentença de Cavell e tenta agir rápido para que ela seja alterada, com receio das consequências que seriam geradas para a Alemanha, ocasionando mais tarde em sua derrota.

Entre janeiro e março de 1935, o *Correio Paulistano* informou aos leitores na edição de nº 24172 datada de 11 de janeiro que seria iniciada uma série de reportagens com detalhes sobre a morte de Cavell, cuja principal função era “tratar dos feridos em território belga”, agindo como uma espécie de dossiê dividido em várias partes, tendo deixado “o mundo todo com as pupilas dilatadas devido ao mistério que envolvia a sua execução”. Ainda no *Correio Paulistano*, na edição publicada em 12 de janeiro, os leitores são informados mais uma vez de que seriam revelados documentos secretos que causaram grande sensação na Europa.

Apesar do anúncio da reportagem ter sido feito no início do mês, a matéria só é publicada de forma integral na edição de nº 24.184 datada do dia 25 de janeiro, com o título “A tragédia que emocionou o mundo”. Inicialmente, são narrados todos os fatos que antecedem o fuzilamento, incluindo o discurso de Cavell, onde afirma não ter arrependimentos ou medo da morte, estando feliz em morrer em nome de sua pátria. Um dos trechos cita as últimas cartas escritas pela enfermeira, destinadas à sua mãe, a um primo – provavelmente “Eddy” Cavell, com quem ela se correspondia com frequência – e as enfermeiras da escola de treinamento em Bruxelas, além de uma “cobertura” da execução da pena desde o momento em que é retirada da cela até a chegada ao local.

Em 26 de janeiro, na edição de nº 24185, são contados detalhes da carta endereçada às enfermeiras do Hospital Escola, onde Cavell relatou a felicidade que teve ao ser consagrada diretora do hospital e que considerava todas as alunas suas filhas. Fora os detalhes do fuzilamento, trabalhados na edição anterior, foi questionado o

“Por que de tanto aparato militar para exterminar uma vida que só se devotara aos seus semelhantes, aliviando-lhes as dores e os sofrimentos? [...] Não era possível que uma criatura tão dócil fosse a espiã terrível de quem tanto se falara” (CORREIO PAULISTANO, 26 de janeiro de 1935, p. 12).

Na edição seguinte, lançada no dia 27 de janeiro, são relatados os últimos momentos da vida de Cavell, os oficiais envolvidos no caso e o pelotão que participou do fuzilamento. O jornal voltou a declarar sua indignação em relação a morte da enfermeira, alegando que

“De tudo prevalecem desumanas criaturas para sacrificar as vidas de Edith Cavell e de diversas pessoas que aparam e protegeram a sua escola de enfermeiras, funcionando em Bruxelas, desde muito antes do início da Grande Guerra de 1914” (CORREIO PAULISTANO, 27 de janeiro de 1935, p. 2).

No entanto, diferente de todas as edições e periódicos lançados antes desse, o *Correio Paulistano* afirmou que os alemães não tiveram culpa na morte da enfermeira, uma vez que não foi um crime cometido pela nação, e que apenas o Conselho de Guerra poderia ser responsabilizado, por ter se baseado no depoimento de pessoas não alemãs quando decidiram prendê-la. O trecho se refere a Georges Gaston Quien, nascido na França, e Armando Jeannes, natural da Bélgica.

Ao fim do dossiê, que consistiu apenas em uma reconstituição do caso, em 3 de março, uma breve homenagem é feita a Edith onde sua imagem de mártir e heroína é mais uma vez reforçada, sendo descrita também como “mulher admirável”.

4. UM FILME PARA CAVELL

Em 13 de junho de 1939, a revista carioca *A Cena Muda* anuncia que Hebert Wilcox estaria chegando em Hollywood para produzir e dirigir um filme sobre Edith Cavell pelo estúdio RKO, o longa seria uma nova versão do filme lançado em 1928 intitulado *Dawn* e foi lançado no dia 29 de setembro do mesmo ano.

Apesar de não ter sido um sucesso, Wilcox insistiu na história da enfermeira britânica e decidiu apostar no cinema americano, que na época era um dos mais produtivos do mercado cinematográfico, exportando para várias partes do mundo. Dessa vez, quem interpretou Cavell nas telonas foi a atriz britânica Anna Neagle, trazendo aos espectadores uma visão totalmente heroica e bondosa da personagem, tendo os alemães como os principais vilões do enredo, que a função do cinema a época fosse uma forma de lazer e não uma crítica histórica (FERRO, 1977).

A trama se inicia no Natal de 1913 na escola de formação de enfermeiras onde Edith Cavell era a matrona, comemorando junto com suas alunas, as demais enfermeiras e pacientes a proximidade de um novo ano. Meses depois, o arquiduque Francisco Ferdinando é assassinado servindo de estopim para o início do que seria a Primeira Guerra Mundial. O movimento dos jovens soldados indo para o campo com suas famílias desejando que retornassem em segurança e que fossem corajosos era intenso, além dos casais apaixonados se despedindo nas ruas. Com o avanço do conflito bélico, a quantidade de pessoas na rua diminuiu e portas e janelas passaram a ficar fechadas o tempo todo.

Durante uma visita a Senhora Rappard (May Robson), Jean Rappard (Jimmy Butler), que até então havia partido para lutar na guerra, aparece dizendo que havia sido preso pelos alemães e que conseguiu fugir. Minutos depois oficiais alemães aparecem na casa à procura do

rapaz, mas Edith consegue esconder o rapaz e o ajuda a fugir da Bélgica para a Holanda. A partir disso, Edith se encarrega da missão de ajudar outros prisioneiros aliados e civis a fugirem, cuidando de suas feridas e machucados e conseguindo documentos falsos com a ajuda da Condessa de Mavon (Edna May Oliver). Entretanto, com o domínio alemão naquela região, o trabalho de Edith se torna ainda mais arriscado. Para deixar a situação ainda mais angustiante, oficiais alemães se reúnem para discutir sobre o desaparecimento de prisioneiros dos campos de concentração, estes cuja maioria eram ajudados pela enfermeira.

Edith acaba sendo presa após ser denunciada por um soldado aliado que fugiu da Bélgica com a ajuda da enfermeira, enquanto ajudava o último homem que estava escondido no depósito do hospital a escapar. Foi levada para a prisão de St. Gilles junto com as outras pessoas que a ajudaram e levada ao tribunal onde foi acusada de traição pela corte com pena máxima, sendo fuzilada em 12 de outubro de 1915. A morte trágica e heroica da enfermeira junto com a interpretação de Neagle mostra uma mulher que enfrentou os alemães e se apoiou o tempo todo em suas convicções, deixando o mundo inteiro abalado com sua partida. Com isso, a enfermeira britânica virou um símbolo da Primeira Guerra recebendo homenagens e servindo de exemplo da perversidade alemã.

No período em que o filme foi lançado, os Estados Unidos vinham cortando as ligações que haviam com a Alemanha dominada pelo ditador nazista Adolf Hitler (1889-1945). A princípio, ambos os países selaram um acordo chamado *Artigo 15* que limitava conteúdos antinacionalistas ou anti alemães nos filmes produzidos por Hollywood, em troca o Ministério da Propaganda continuava permitindo a exibição desses filmes no país. Com o tempo, as exigências começaram a ficar ainda mais irracionais, a exemplo da demissão de membros da equipe dos filmes que fossem judeus ou descendentes de judeus, e o primeiro estúdio a dar as costas para o acordo foi o *Warner Brothers* com o lançamento do filme *Confissões de um espião nazista* (1939), que narra um espião alemão escondido no meio político estadunidense para obter informações para o *Führer*.⁶

Nessa época, o Brasil vivia o Estado Novo instaurado pelo presidente Getúlio Vargas (1882-1954) que incentivou⁷ o cinema nacional e internacional, apesar das restrições e da censura aplicada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Apesar de se tratar de um filme

⁶ URWAND, Ben. **O pacto entre Hollywood e o Nazismo: como o cinema americano colaborou com a Alemanha de Hitler**. São Paulo: Editora LeYa. 2019.

⁷ SAVIANI FILHO, Hermógenes. **A Era Vargas: desenvolvimento, economia e sociedade**. Economia e Sociedade, Campinas, v. 22, n. 3 (49), dez. 2013. P. 858.

anti alemão e o presidente não ter uma posição contrária a Hitler, o filme começa a ser exibido no Brasil a partir de janeiro de 1940, quase 4 meses após o seu lançamento.

O filme foi primeiro exibido em São Paulo, passando por 10 casas de cinema sendo a primeira a Art UFA Palácio, que recebeu o nome da empresa alemã Universum Film AG (UFA) por ter sido construído com recursos da Alemanha. Em abril, foi a vez da capital brasileira, ainda sediada no Rio de Janeiro, acompanhar a trajetória da enfermeira, sendo exibido no Cine Theatro. No Nordeste, o longa foi exibido em Aracaju no Cine Rio Branco e em Recife no Cine Art Palácio nos meses de maio e julho, respectivamente. Em seguida, os destinos seguintes foram o Norte e Sul do país, nas cidades de Manaus, capital do Amazonas em 1941, exibido no Cine Guarani de Joinville, Santa Catarina (1942), exibido no Cine Rex. O filme até mesmo foi destaque em um dos jornais que circulavam pelo estado catarinense dois anos antes, quando relatou a censura imposta pelo Chile com a alegação de que se tratava de um conteúdo anti alemão⁸.

Apesar de não ter feito sucesso no contexto geral, assim como seu antecessor, o filme ocupou as salas de exibição de várias partes do Brasil, trazendo ao público uma ilustração do que foi lido nos jornais e nas revistas, deixando viva a imagem da “enfermeira mártir”.

5. CONCLUSÃO

Aqueles que olhavam para a filha do reverendo, que amava retratar a natureza em seu caderno e tinha dentro de si a certeza de que ajudaria as pessoas, não imaginavam que ela teria um final trágico por fazer o que achava certo. A sua calma diante da pronúncia e execução da pena e o fato de dizer que estava morrendo pelo seu país comoveu o mundo e rendeu inúmeras homenagens. Mesmo se negando a se tornar uma, a guerra a tornou uma mártir e sua imagem ainda seria usada anos mais tarde como uma propaganda antialemã, diante da constante expansão da Alemanha Nazista, o que rendeu ao país mais uma derrota em 1945. A história de Cavell não está limitada apenas a documentos oficiais ou relatos de outras pessoas, ela está também nos seus diários, nas cartas que sempre trocava com a família, com outras enfermeiras com quem trabalhou, etc.

Segundo Diana Souhami, Edith Cavell não queria reconhecimento ou heroísmo, fazia apenas compaixão por aqueles que precisavam e que, caso estivesse viva durante a Segunda

⁸ **Censurado um belo filme.** O Estado: Santa Catarina. 19 de janeiro de 1940. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

Guerra Mundial, teria feito a mesma coisa. Todos aqueles que conviveram e ajudaram Cavell relataram sua satisfação em fazer aquilo e muitas vezes, durante suas preces, ela dizia não se arrepender, visto que não bastava ser patriota, era necessário ajudar os seus semelhantes ou aqueles que precisassem de ajuda (Souhami, 2011, posição 4992).

Um dos questionamentos que vem à mente durante a pesquisa e a escrita é: se Edith Cavell não tivesse sido presa ou condenada à morte, ela seria conhecida como é nos dias de hoje? A resposta em si é um pouco incerta, o que se considera até o momento são as informações obtidas não só sobre a sua vida pessoal como também a profissional durante os quase 110 anos desde a sua morte, com artigos a seu respeito sendo publicados ainda nos tempos atuais. Seu monumento ainda permanece no St. Martin's Place em Londres, onde foi erguido na década de 1920 e transformado em ponto turístico, fazendo civis e turistas conhecerem e/ou relembra-rem a mulher que incentivou, de certa forma, a Inglaterra a lutar contra os alemães.

A história tem como um dos objetivos reviver e lembrar a histórias de personagens que tiveram um papel tão importante na historiografia mundial, o que se torna ainda mais marcante quando se trata de mulheres revolucionaram a sociedade ou chamaram atenção para alguma causa ou feito. Edith é lembrada até hoje como uma grande heroína, mesmo que no Brasil ela tenha se tornado um fantasma distante, e se espera que a sua história continue sendo contada durante muitos anos.

REFERÊNCIAS

• Livros e Artigos

- BARNEY, Shane M. “**The Mythic Matters of Edith Cavell**: Propaganda, Legend, Myth and Memory.” *Historical Reflections* vol. 31, no. 2. 2005. p. 217–33. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41299337>. Acesso em: 8 de abril de 2023.
- BORDWELL, David. O cinema clássico hollywoodiano: normas e princípios narrativos. in: RAMOS, Fernão Pessoa (org.). **Teoria contemporânea do cinema vol. II**. São Paulo: Editora Senac. 2005. p. 277-301.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2008.
- DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª edição. São Paulo: Editora Contexto. 2015. p. 111-142.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2011. p. 25-47.
- HODGSON, Guy Richard. **Nurse, Martyr, Propaganda Tool: The Reporting of Edith Cavell in British Newspapers 1915–1920**. *Media, War & Conflict*, vol. 10, no. 2, 2017, pp.

239–53. JSTOR, <https://www.jstor.org/stable/26392775>. Accessed 18 Mar. 2024. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26392775?seq=5>

MARQUIS, Alice Goldfarb. **Words as Weapons: Propaganda in Britain and Germany during the First World War**. Journal of Contemporary History vol. 13, no. 3. 1978. p. 467–498. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/260205>. Acesso em: 8 de abril 2023.

SOIHET, Raquel. História da Mulher. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (ORG). **Domínios da História: ensaio de teoria e da metodologia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier. 2011. P. 399-429

SOUHAMI, Diana. **Edith Cavell: Nurse, Martyr, Heroine**. Edição Kindle (e-book). Quercus Books: Londres. 2011.

- **Jornais**

Um apelo a rainha Mary. A Noite: Rio de Janeiro. 24 de outubro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Londres, 27. Jornal do Commercio: Rio de Janeiro. 28 de outubro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Exéquias da enfermeira Cavell. Correio Paulistano: São Paulo. 31 de outubro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>.

O Momento Europeu. Correio da Manhã: Rio de Janeiro. 19 de novembro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Uma cerimônia em honra de Miss Cavell. _____. 29 de novembro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

L. Macedo. **Um apelo ao rei**. Pacotilha: Maranhão. 2 de dezembro de 1915. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Um crime alemão: o martyrio de uma enfermeira inglesa. Selecta: Rio de Janeiro. Nº 29. 15 de dezembro de 1915. P. 30-32. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Edith Cavell's Body Taken to England. The American Journal of Nursing vol. 19, no. 9. 1919. P. 678. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3405735>. Accessed 8 Apr. 2023. Acesso em: 13 de abril de 2023.

Exterior. Jornal do Recife: Pernambuco. 13 de maio de 1922. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Miss Cavell: a maior martyr da Grande Guerra. A Manhã: Rio de Janeiro. 6 de novembro de 1928. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

As últimas palavras da enfermeira martyr. _____. 13 de novembro de 1928.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

O que se exhibe no Rio. Cinearte: Rio de Janeiro. Nº 145. 5 de dezembro de 1928. Disponível

em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Interessantes aspectos do caso do fuzilamento de Edith Cavell. Diário de Pernambuco:

Recife. 14 de janeiro de 1931. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>.

A execução de Miss Cavell. Correio Paulistano: São Paulo. 11 de janeiro de 1935. Disponível

em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>.

Tragédia que emocionou o mundo. Correio Paulistano: São Paulo. 25 de janeiro a 3 de março

de 1935. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Não se esqueça. Correio Paulistano: São Paulo. 12 de outubro de 1937. Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>.

SABUNI, Victor. **Notícias de Hollywood.** A Cena Muda: Eu sei tudo: Rio de Janeiro. Nº 951.

13 de junho de 1939. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Hollywood realmente será superior ao resto? Fon Fon: Semanario alegre, político, crítico e espusiente: Rio de Janeiro. Nº 34. 26 de agosto de 1939. Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Um pouco de Anna Neagle. Cinearte: Rio de Janeiro. Nº 520. 1 de setembro de 1939.

Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Estreou em Washington o filme sobre a vida de Edith Cavell. Correio Paulistano: São Paulo.

5 de janeiro de 1940. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

A enfermeira Edith Cavell. Correio Paulistano: São Paulo. 7 de janeiro de 1940. Disponível

em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>.

A tragédia de Edith Cavell só agora pode ser transportada para a tela. Diário Carioca: Rio

de Janeiro. 9 de abril de 1940. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

De Cinema. Correio de Aracaju: Aracaju. 3 de maio de 1940. Disponível em:

<https://jornaisdesergipe.ufs.br/>

A tela em revista. Cinearte: Rio de Janeiro. Nº 537. 15 de julho de 1940. Disponível em:

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Filmes em cartaz no Cine Art Palacio. Diário de Pernambuco: Pernambuco. 21 de julho de

1940. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Filmes em exibição no Cine Guarani. Jornal do Commercio: Amazonas. 12 de outubro de

1941. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

Filmes em cartaz no Cine Rex. A Notícia: Santa Catarina. 8 de janeiro de 1942. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-.digital/>

- **Filme**

Nurse Edith Cavell. Direção: Herbert Wilcox. Produção: Herbert Wilcox. Estados Unidos: RKO. 1939. P&B. 108 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uiehgV1R90k>. Acesso em: 03/10/2021.